

Building the way

**UMA COMPREENSÃO POLÍTICO-PSICOLÓGICA DAS
REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS: LINGUAGEM, SUJEITO
E CULTURA**

***A POLITICAL-PSYCHOLOGICAL UNDERSTANDING OF
MEDIA REPRESENTATIONS: LANGUAGE, SUBJECT AND
CULTURE***

Eder Ahmad Charaf Eddine¹ 

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as aproximações e os distanciamentos entre a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, e a concepção de Representação Cultural, de Stuart Hall, na compreensão das Representações Midiáticas. Essa articulação possibilita uma compreensão mais político-psicológica das mídias, ao evidenciar que as representações são carregadas de identidades, diferenças e ideologias. Sendo assim, as representações não são neutras, mas colaborativas, potencialmente transformadoras e atravessadas por disputas de sentidos. A análise sugere que os estudos das Representações Midiáticas, por meio da linguagem, são capazes de revelar processos de constituição de sujeitos, da afirmação de identidades e resistências, bem como das transgressões e tensões ideológicas. Busca-se, dessa forma, auxiliar pesquisas na interface entre comunicação e saúde mental, adotando uma abordagem integradora entre comunicação, cultura e psicologia social, que possibilite a análise de identidades, resistências e tensões manifestas em produtos midiáticos.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais, comunicação em saúde, mídias sociais.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the similarities and differences between Serge Moscovici's Theory of Social Representations and Stuart Hall's conception of Cultural Representation in understanding media representations. This articulation enables a more political-psychological understanding of media by

¹Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

ederahmad@uft.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/8713421966157493>

<https://orcid.org/0000-0003-1882-8503>

Building the way

highlighting that representations are imbued with identities, differences, and ideologies. Thus, representations are not neutral, but collaborative, potentially transformative, and permeated by disputes over meaning. The analysis suggests that studies of media representations, through language, can reveal processes of subject constitution, identity affirmation and resistance, as well as ideological transgressions and tensions. Thus, the aim is to support research at the interface between communication and mental health, adopting an integrative approach to communication, culture, and social psychology, enabling the analysis of identities, resistance, and tensions manifested in media products.

KEYWORDS: Social Representations, health communication, social media.

Introdução

Neste trabalho² focalizamos as práticas discursivas midiáticas, apoiando-nos no arcabouço teórico ancorado na abordagem interdisciplinar da Psicologia Social da Comunicação (Hook et al., 2011). Pretendemos explorar as aproximações e os distanciamentos entre a Teoria da Representações Sociais, formulada por Moscovici e as concepções de Representações Culturais, desenvolvida por Stuart Hall, ambas desenvolvidas no final do século XX, respectivamente na França e na Inglaterra.

Para isso, investigamos as obras “Cultura e Representação” (Hall, 2016) e “Representações Sociais” (Moscovici, 2003). Consideramos que ambas são produções maduras dos referidos intelectuais e representam suas principais posições teóricas e metodológicas. Outros trabalhos já realizaram essa aproximação e auxiliaram nas discussões e na análise

² Na elaboração da presente proposta, utilizamos as seguintes ferramentas de Inteligência Artificial: *Google Gemini*, na organização da revisão narrativa de literatura; *Notebooklm*, no roteiro de estudos das fontes e sintetizações; e, *Mendeley Cite*, na elaboração das referências. Todas essas ferramentas foram utilizadas nas versões gratuitas e nenhuma foi utilizada nas análises nem na geração textual.

Building the way

(Gomes, 2006; Howarth, 2011; Inzunza-Acedo, 2017; Rocha da Silva, 2025; Sacramento; Borges, 2020; Silveira, 2023).

Essa literatura recente revela que pesquisadores têm buscado uma aproximação entre essas teorias, mesmo que por caminhos e objetos de pesquisa diversos e distintos. Silveira (2023), ao abordar a interface entre a Teoria das Representações Sociais e Estudos Culturais, analisa a educação de surdos e identifica que os pontos em comum das duas teorias estão na atenção ao contexto e na perspectiva da interdisciplinaridade. A análise se volta para as questões de ensino e inclusão, apontando que as representações sociais e culturais auxiliam na compreensão das práticas educacionais e culturais, ressaltando a importância do contexto e da interdisciplinaridade.

Já Gomes (2006), para analisar as representações midiáticas e identitárias, articula a Teoria das Representações Sociais, os Estudos Culturais e a Psicanálise, destacando o caráter político das representações e o atravessamento de ideologias, em consonância com Hall. Howarth (2011) faz a articulação mais próxima do eixo que propomos nessas reflexões, fornecendo base para o raciocínio pretendido. A autora, ao realizar uma leitura político-psicológica das representações, articulando Moscovici e Hall, tem como objetivo compreender identidade, resistência e disputa de sentidos com práticas colaborativas que se manifestam também na mídia.

Em uma pesquisa que investiga como crianças mexicanas constroem representações sociais da delinquência, Inzunza-Acedo (2017) demonstra a compatibilidade entre a Teoria das Representações Sociais e Estudos Culturais de audiência, destacando o papel da mídia na negociação de sentidos. No Brasil, Rocha da Silva (2025) também articula essas duas teorias para compreender os saberes e as representações de comunidades indígenas. Ao dialogar com essas teorias, o autor critica

Building the way

visões essencialistas de identidade e evidencia a centralidade da diferença e da disputa nos processos de representação, o que reflete um esforço teórico que confirma a emergência desse debate também no contexto brasileiro.

Em conjunto, esses estudos mostram que a interação entre a Teoria das Representações Sociais e as Representações Culturais já vem sendo explorada, tanto em termos metodológicos quanto em análises aplicadas a diferentes contextos, como educação, infância, criminalidade e populações indígenas. No entanto, observamos a escassez de pesquisas acerca das representações midiáticas, campo em que a dimensão político-psicológica das representações se torna relevante. É nesse contexto que se insere a presente proposta, que visa aprofundar a discussão a partir da interlocução entre Moscovici e Hall para analisar como as mídias constroem sentidos e, simultaneamente, produzem e evidenciam identidades, resistências e tensões ideológicas.

Para atingir esse objetivo, dividimos o trabalho em quatro partes. Na primeira, abordamos as representações sociais de Moscovici e sua relação com a mídia na formação do sujeito. Em seguida, discutimos a perspectiva de Hall e suas interações entre a mídia e construção do social. Depois, analisamos as aproximações e os distanciamentos entre as duas teorias. Por fim, apresentamos a articulação entre Hall e Moscovici para compreender as Representações Midiáticas.

Teoria das Representações Sociais: mídias e cultura na relação com o sujeito

“As representações sociais são entidades quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano” (Moscovici, 2012, p. 39). Com essas palavras, Serge Moscovici (1925-2014) inaugura uma tradição na pesquisa em Psicologia Social. Sua Teoria das Representações Sociais, contudo,

Building the way

ultrapassa as fronteiras da psicologia, alcançando as mais diversas áreas das ciências humanas, sociais e da saúde.

Motivado a compreender como a psicanálise se ressignifica no senso comum, Moscovici nos convida a reconhecer que as representações sociais são históricas, culturais e construtivistas e, por isso, podem ser analisadas cientificamente, uma vez que constituem modalidades de conhecimento que circulam em nosso cotidiano (Bertoni; Galinkin, 2017).

Segundo Moscovici (2003), uma das funções das representações é transformar o não familiar em familiar, ou seja, tornar conhecidos objetos, pessoas ou ações. O autor destaca que todos estamos imersos em imagens, linguagem e cultura, as quais são moldadas pelas representações do grupo ao qual pertencemos. A partir dessa perspectiva, Oliveira e Werba (2003) observam que as representações sociais se configuram como “teorias” produzidas pelo saber coletivo, construídas e compartilhadas no âmbito do senso comum, permitindo a interpretação e a atribuição de sentido à realidade. Devido à sua natureza dinâmica, direcionam formas de agir e de interagir com o ambiente, alterando tanto as práticas sociais quanto o contexto em que se inserem.

De acordo com as autoras, investigar as representações sociais implica examinar a maneira como o indivíduo organiza conhecimentos que refletem a identidade de seu grupo, além das imagens e significados que ele cria sobre diversos objetos, sejam eles próximos ou distantes de sua vivência. Esse processo também inclui os códigos culturais que estabelecem as normas e valores de uma comunidade em cada período histórico.

Uma das principais vantagens desta teoria é sua capacidade de descrever, mostrar uma realidade, um fenômeno que existe, do qual muitas vezes não nos damos conta, mas que possui grande poder mobilizador e explicativo. Torna-se necessário, por isso, estudá-lo para que se possa

Building the way

compreender e identificar como ela atua na motivação das pessoas ao fazer determinado tipo de escolha (comprar, votar, agir, etc.) (Oliveira; Werba, 2003, p. 107).

Nesse sentido, é fundamental ressaltar a ideia central da teoria: compreender as representações é essencial para entender o comportamento. Mais do que isso, o foco de Moscovici volta-se ao entendimento de como as representações, para além do plano individual ou coletivo, são criadas pelas relações sociais e pelas influências das mídias.

Desse modo, as mídias são constitutivas de uma linguagem própria, que participa da formação das representações, sendo a linguagem e a comunicação componentes da definição original de representações sociais (Moscovici; Marková, 2003). Oliveira e Werba (2003) consideram que se trata de uma teoria bastante abrangente, e seu conceito dinâmico pode nos ajudar a entender as várias dimensões da realidade, incluindo as dimensões física, social, cultural e cognitiva, de forma objetiva e subjetiva.

Nesse cenário, as mídias desempenham um papel fundamental. No estudo desenvolvido por Moscovici (2012) nas décadas de 1950 a 1960, a imprensa francesa é destacada como um componente crucial no processo de formação das representações, uma vez que os meios de comunicação determinam “[...] o conteúdo e a forma das mensagens emitidas e recebidas: a difusão, a propagação e a propaganda” (p. 265), sendo essa última fortemente condicionada por ideologias. Metodologicamente, as representações são analisadas a partir de suas regularidades e das trocas significativas que se estabelecem em torno delas (Moscovici, 2012).

Irvana Marková considera o estudo de Moscovici iluminador por apontar a ligação direta entre o pensamento e a linguagem. No caso dos estudos dos jornais franceses, o trabalho mostra a relação entre as operações da ideologia e os sentidos das palavras. Para ela, é justamente a linguagem que acompanha a formação de uma representação e, nesse

Building the way

processo, as palavras adquirem sentidos particulares que, por sua vez, fundamentam seu uso na propaganda. “A repetição dos elementos formaliza e solidifica o pensamento, tornando-o parte da constituição linguística e cognitiva do indivíduo” (Moscovici; Marková, 2003, p. 314). Esse estudo da comunicação mostrou o quanto uma ideia ou o conhecimento científico “penetra na esfera pública, na vida cultural de uma sociedade” (Moscovici, 2003, p. 312).

Moscovici não chegou a elaborar um conceito de cultura, mas destacou como as representações podem auxiliar na compreensão da vida cultural e até mesmo, em certa medida, transformá-la, já que os significados compartilhados orientam práticas e modos de interação. Mais adiante, mostraremos como essas ideias se aproximam das concepções de Hall (2016).

Apoiando-se em Lévy-Bruhl, Piaget e Vygotsky, Moscovici (2003) demonstra que conectar cultura e psicologia, a partir do conceito de representação social, torna possível o diálogo entre a antropologia e a psicologia. Fundamentando-se em Durkheim e Talcott Parsons, o autor apresenta uma concepção cultural da sociedade:

Para começar, essa ideia [do casamento entre antropologia e psicologia] introduz o que o grande sociólogo americano Talcott Parsons chamou de uma concepção cultural de sociedade dentro do pensamento moderno. Durkheim, que foi o autor dessa concepção, rompe com fáceis analogias entre organismos vivos e a sociedade humana; e com aquelas entre evolução biológica e história social, que poderíamos chamar de consequências de um darwinismo vulgar. Ele vai em frente fazendo uma crítica das teorias psicológicas e antropológicas que explicam peculiaridades étnicas e culturais através da raça, instinto, hereditariedade, em suma, através da sociobiologia daquele tempo. Para ele, o ambiente natural dos seres humanos é a sociedade. A sociedade se mostra como sendo um sistema de relações que geram crenças, normas, linguagens e rituais coletivamente partilhados que mantém as pessoas coesas (Moscovici, 2003, p. 286).

Building the way

O autor nos explica que Durkheim rompeu com as interpretações biológicas e hereditárias da sociedade, típicas do século XIX, como as comparações organicistas. Ele também criticou as teorias psicológicas e antropológicas que vinculavam as diferenças culturais à raça, ao instinto ou à hereditariedade, características do pensamento biologizante da época. Em oposição a essa perspectiva, Durkheim propôs que a verdadeira natureza do ser humano é a social, considerando a sociedade como um sistema de relações capaz de gerar crenças, normas, linguagens e rituais comuns, responsáveis pela manutenção da coesão social. Essa mudança é fundamental, pois desloca o entendimento do social da biologia para a cultura, permitindo que Moscovici desenvolva sua teoria ao considerar que a vida em sociedade se sustenta por significados compartilhados. Portanto, se a sociedade é estruturada a partir de construções coletivas, é necessário compreender como essas construções são criadas, disseminadas e de que modo influenciam os comportamentos.

Cultura, portanto, refere-se a todo processo simbólico responsável pela coesão social, concepção que não difere das perspectivas de Hall, como será detalhado adiante. Antes, porém, é necessário destacar a aproximação teórica de Moscovici com Lévy-Bruhl. Segundo Moscovici, (2003, p. 289):

O projeto de Lévy-Bruhl foi duplo: primeiro, explicar a mentalidade das assim chamadas culturas “primitivas” a partir de causas sociais e não a partir de causas individuais, como Frazer (1922) fizera; e, segundo, desmistificar o pensamento ocidental como sendo privilegiado em comparação com outras formas de pensamento. Lévy-Bruhl não era um durkheimiano e, em contraste, trabalhou para conseguir uma compreensão mais rigorosa das representações coletivas.

Building the way

Em suma, a partir de Lévy-Bruhl, Moscovici deloca o foco da explicação individual para a social ao questionar a supremacia do pensamento ocidental. Isso contribuiu para a ideia de que toda sociedade cria e compartilha representações coletivas, e que diferentes formas de pensar possuem valor equivalente, embora distinto. O autor rejeita a noção de que o pensamento das “culturas primitivas” decorre de deficiências individuais ou biológicas, defendendo que ele é uma manifestação das condições sociais e coletivas de um sistema cultural particular.

Isso implica que cada sociedade tem suas próprias formas de criar significados, rituais, crenças e representações, sem que haja qualquer hierarquia entre elas. Dessa forma, questiona-se a ideia de uma suposta superioridade do “pensamento ocidental”, evidenciando que ele não é o único válido. Ao retomar essa linha de pensamento, Moscovici a vincula diretamente ao conceito de cultura como um universo simbólico comum.

Nessa concepção, a mídia está intimamente vinculada à cultura, uma vez que carrega representações sociais, que são os meios pelos quais a cultura se expressa, circula e transforma o dia a dia, convertendo sistemas simbólicos em práticas e formas de entender o mundo. A mente humana, por sua vez, encontra-se intrinsecamente ligada ao seu contexto cultural, pois o pensamento é sempre socialmente produzido no contexto das tradições, linguagens e símbolos que sustentam a vida coletiva.

Em resumo, a mídia é um mediador cultural, que carrega sistemas simbólicos e cria significados, crenças e representações.

Na seção seguinte, iremos discorrer sobre as concepções de representação, cultura e mídia para Stuart Hall.

Representações culturais: mídia e sujeito no processo de construção da sociedade

Building the way

“A representação conecta o sentido e a linguagem à cultura” (Hall, 2016, p. 31), evidenciando a importância que o autor atribui a esse conceito. Trata-se de um elemento essencial no processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma sociedade. “Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (p. 31).

Hall (2016) não apresenta um conceito único e isolado de mídia. Ao contrário, ele a define a partir do papel central e ativo que ela exerce nos processos culturais, particularmente na construção da realidade e nas disputas de poder. Sendo assim, a mídia não se constitui em um mero reflexo da realidade; pelo contrário, o real é visto como uma construção social que é amplamente marcada e definida pela mídia e suas imagens nas sociedades atuais. Ela também exerce efeitos de poder, impactando significativamente a sociedade. Esse poder se manifesta precisamente ao gerenciar essa visibilidade pública, determinando o que é representado e de que maneira é representado.

Hall também destaca a existência de uma constante disputa de sentidos, considerando a mídia como o principal espaço de questionamentos e conflitos em torno do significado de imagens. Nesse contexto, as imagens veiculadas pela mídia tornam-se objetos de disputa simbólica sobre o que está sendo representado. Assim, a mídia é reconhecida como um poderoso dispositivo cultural que não apenas veicula informações, mas também desempenha um papel ativo na construção da realidade, na gestão da visibilidade pública e na disputa pelo poder e significado por meio da representação.

Assim como Moscovici (2012), Hall (2016) em “O espetáculo do ‘Outro’”, dedica-se à análise da mídia, considerando que uma de suas principais funções é atuar como um sistema eficaz na produção, circulação e consolidação de significados sobre a diferença, especialmente

Building the way

a racial, por meio da prática da estereotipagem. Para Hall, a mídia não é um veículo neutro que simplesmente reflete a realidade, mas sim um dispositivo cultural que constrói o “Outro” como um espetáculo para ser consumido.

Nesse sentido, a mídia desempenha a função de construir e normalizar a diferença, operando por meio de um “sistema racializado de representação”, no qual a diferença é transformada em algo exótico, incomum e, muitas vezes, considerado como inferior. Ela monta um espetáculo em torno do “Outro”, cujas características são exageradas e encenadas para a audiência dominante.

Diante disso, a principal estratégia que a mídia utiliza para lidar com a diferença é a estereotipagem, uma forma de poder que simplifica pessoas e grupos, reduzindo-os a um conjunto de características básicas, frequentemente exageradas e tratadas como naturais ou inatas. Hall (2016) caracteriza a estereotipagem como uma prática de produção de significados intimamente ligada ao poder. Ao agir dessa forma, a mídia reduz a complexidade do “Outro”, facilitando a classificação e o controle.

O autor esclarece que a estereotipagem vai além de uma simples classificação equivocada; trata-se de uma estratégia de poder utilizada para manter a ordem social e simbólica:

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*), entre nós e eles (Hall, 2016, p. 192, grifos no original).

O autor afirma que, embora a mídia desempenhe predominantemente a função de reforçar estereótipos, ela também se constitui em um espaço de conflito. Algumas formas de contestação,

Building the way

incluindo a reversão de estereótipos e a construção de imagens ditas positivas, estão presentes nos meios de comunicação. Isso indica que a mídia também funciona como um espaço para a política da imagem, em que significados dominantes podem ser questionados e subvertidos, como exemplificado pelo cinema de Spike Lee.

Em suma, a mídia tem a função de atuar como um sistema de poder simbólico, utilizando a estereotipagem para construir, gerenciar e naturalizar as diferenças, estabelecendo os limites entre quem pertence e quem é excluído, ou definindo o “Outro” da comunidade.

Hall (2016) se pergunta onde está o sujeito na abordagem mais discursiva do sentido, da representação e do poder. Para ele, o sujeito:

[...] parece ser produzido por meio do discurso em dois sentidos ou lugares diferentes. Primeiro, o próprio discurso produz sujeitos – figuras que personificam formas particulares de conhecimento que o discurso produz. Esses sujeitos têm atributos que poderíamos esperar, como definidos pelo discurso: o homem louco, a mulher histérica, o homossexual, o criminoso individualizado, assim por diante. Essas figuras são específicas para regimes discursivos e períodos históricos determinados. [...] Todos os discursos, assim, constroem posições de sujeito, das quais sozinhos, eles fazem sentido (Hall, 2016, p. 100).

Nesse sentido, o discurso funciona como um roteiro para consagrar as posições de sujeito no palco. Primeiro, ele desenvolve o personagem; em seguida, estabelece o papel e as falas que cada um pode desenvolver para que a peça seja coerente. Fora desses roteiros, não existimos. Fomos criados por eles e por isso é fundamental analisar o discurso da mídia, pois ela desempenha papel ativo na produção desses roteiros e na criação dos personagens que moldam nossa compreensão e nossa posição de sujeito.

Portanto, Mídia, sujeito e poder estão intimamente relacionados. O autor relata que analisou muitos exemplos extraídos de diferentes

Building the way

períodos da cultura popular para notar “[...] o surgimento de um regime racializado de representações e para identificar algumas de suas estratégias, características e tropos” (Hall, 2016, p. 224).

O autor enfatiza ainda a importância da diferença e da alteridade em seus estudos sobre a cultura:

Tratamos profundamente da estereotipagem como uma prática representacional, seu funcionamento (essencialização, reducionismo, naturalização, oposições binárias), a forma como ela está presa no jogo do poder (hegemonia, poder/conhecimento) e alguns de seus efeitos mais profundos e inconscientes (fantasia, fetichismo, retratação). Finalmente, consideramos algumas das contraestratégias que tentaram intervir na representação, transcodificando novos significados para as imagens negativas (Hall, 2016, p. 224).

Hall ressalta que há esforços para resistir à estereotipagem por meio da criação de contrarrepresentações, que se manifestam na resignificação de símbolos, na transcodificação de imagens negativas em positivas e na multiplicação de vozes e narrativas que desafiam os estereótipos. Para o autor, articulando cultura, diferença e poder, a representação é um campo de disputa, em que o “Outro” pode ser fixado em estereótipos, com efeitos sociais e inconscientes profundos, mas também um espaço no qual é possível intervir, criando novas formas de significar alteridade.

Na próxima sessão, traremos uma articulação entre as teorias, refletindo sobre as aproximações e os possíveis distanciamentos.

As representações sociais e culturais: apontamentos sobre as aproximações e distanciamentos

Como já observamos anteriormente, é possível identificar algumas proximidades entre os conceitos das duas teorias analisadas neste trabalho, especialmente em relação a cultura, mídias, interdisciplinaridade, linguagem e à relevância destas para o

Building the way

construtivismo como base epistemológica. Por outro lado, alguns teóricos destacam como distanciamento as diferenças ontológicas referentes ao objeto da representação.

Ao colocar em diálogo a teoria de Moscovici com a perspectiva de Hall, algumas aproximações se tornam evidentes. Uma primeira diz respeito ao conceito de cultura: ambos a reconhecem como o espaço fundamental da vida social, no qual os significados que estruturam a experiência coletiva são produzidos, circulados e transformados.

Ao discorrerem sobre a cultura, os autores consideram que a interpretação biologizante precisa ser superada e que o estudo de campo necessita ressaltar papel fundamental do domínio simbólico.

A cultura desse modo permeia toda a sociedade. Ela é o que direciona o elemento “humano” na vida social daquilo que é biologicamente direcionado. Nesse sentido, o estudo da cultura ressalta o papel fundamental do domínio simbólico no centro da sociedade (Hall, 2016, p. 21). A sociedade se mostra como sendo um sistema de relações que geram crenças, normas, linguagens e rituais coletivamente partilhados que mantêm as pessoas coesas (Moscovici, 2003, p. 287).

Assim, ao abordarem a cultura, os teóricos aqui analisados enfatizam que o papel simbólico é fundamental para a vida social. Para Hall, a cultura está presente em toda a sociedade e orienta os aspectos humanos da vida social, diferenciando-os do que é biologicamente determinado. Ao estruturar significados, identidades e práticas, essa dimensão simbólica coloca a cultura no núcleo da formação social. De maneira convergente, Moscovici vê a sociedade como um sistema de relações que gera crenças, normas, linguagens e rituais compartilhados coletivamente, garantindo a coesão social.

Building the way

Nesse contexto, ambos os autores enfatizam que a cultura está intrinsecamente ligada à produção de significados e que, nesse domínio, é que se organizam as representações e a vida em sociedade.

Outra aproximação significativa refere-se às mídias: em ambas as visões, elas atuam como agentes ativos na criação de sentidos, em vez de serem canais neutros de informação. As mídias são estratégicas na formação de identidades e na disputa por significados, pois medeiam, amplificam e estabilizam representações sociais, culturais e discursivas, influenciando práticas sociais.

Hall (2016) defende que as mídias constituem os principais aparatos culturais responsáveis pela produção e circulação de representações. Elas não apenas refletem a realidade, mas participam ativamente da sua construção de sentidos, naturalizando algumas e marginalizando outras. Como já dissemos, a cultura midiática é um campo central de criação, disseminação e contestação de representações, especialmente ao analisar a estereotipagem e a hegemonia social.

Nesse sentido, Moscovici (2003) ressalta a importância dos meios de comunicação na propagação e consolidação das representações sociais, destacando que as mídias transformam o conhecimento especializado em saberes cotidianos, contribuindo para os processos de ancoragem e objetificação. Um exemplo disso é sua pesquisa seminal sobre a psicanálise na França (Moscovici, 2012), na qual a mídia atua como operadora simbólica, traduzindo, modificando e reinterpretando ideias para o público geral.

Outros dois pontos importantes a destacar são a interdisciplinaridade e a centralidade da linguagem. Essas perspectivas se desenvolvem a partir do cruzamento de campos distintos: psicologia, sociologia, comunicação e antropologia, reconhecendo que fenômenos sociais complexos, como a representação, não podem ser compreendidos

Building the way

por uma única disciplina. A linguagem, por sua vez, vai além de ser apenas uma ferramenta de comunicação; constitui um meio social fundamental, encarregado de criar e estabelecer sentidos e significados que direcionam práticas sociais.

Com tudo isso, há a afinidade epistemológica marcada pelo construtivismo, uma vez que tanto a teoria de Hall quanto a de Moscovici compartilham a noção de que o social não é dado de forma natural, mas estabelecido por meio das construções coletivas. Essa fundamentação construtivista sustenta a compreensão histórica, social e cultural das representações.

Apesar das convergências, alguns críticos apontam distanciamentos. Guareschi, Medeiros e Bruschi (2013, p. 39) alertam:

[...] para a diferença do conceito de representação no que tange, fundamentalmente, ao postulado pela Teoria das Representações Sociais, na medida em que esta última entende a representação como reapresentação de uma realidade, que é não condizente com o “real”; esta realidade sendo entendida como encoberta por uma mistificação da ideologia de dominantes sobre dominados. Afasta-se diametralmente da concepção de representação para os Estudos Culturais. Segundo Hall (1997), para os Estudos Culturais, a representação não trata de reapresentar, posto que a produção de uma representação é da ordem de uma apresentação, não havendo nada de subjacente a esta que deva ser desvelado, nem uma realidade possível de ser acessada sem os equipamentos linguísticos e semióticos que compõe nossa relação com o real, impossibilitando completamente uma análise metacultural ou metalinguística.

Contudo, é temerário radicalizar e dicotomizar duas teorias que se configuram como campos abertos e em disputa. Os autores apontam que Moscovici poderia ser interpretado como tratando a representação de forma reflexiva; entretanto, isso não seria totalmente adequado, pois, em

Building the way

sua perspectiva, as representações se manifestam na relação entre o sujeito e o objeto.

Ao discutir o objeto na teoria de Moscovici, Rey (2005, p. 124) observa que o teórico apresenta certa ambiguidade ao permitir interpretações como se as fontes de representação residissem na realidade, e não como produções subjetivas, fundamentadas no social. Para o autor:

[...] mas não em forma de reflexo de objetos externos, objetivos. [...] Portanto, quando Moscovici afirma que “não existe na RS que não esteja na realidade”, não se refere a uma realidade concreta definida em seus atributos objetivos e independentes do sujeito, mas a uma realidade social, na qual também os processos de subjetivação que a configuram, cujo sistema e diferentes formas de organização no tecido social define como subjetividade social. O próprio Moscovici, em outro momento de sua obra, anterior ao que foi citado, escreve (1973): “...sujeito e objeto não são considerados como funcionalmente separados. Um objeto é localizado em um contexto de atividade desde que ele seja o que é porque em parte considerado pela pessoa ou grupo como uma extensão de sua conduta... Não reconhecer nossa capacidade de representação para criar objetos e eventos é como crer que não haja conexão entre nosso ‘reservatório’ de imagens e nossa capacidade de imaginação...” (pág. XI). Na realidade, nem Moscovici nem nenhum dos autores mais importantes do tema das RS orientou-se a compreendê-las como reflexo de um objeto na mente do sujeito dentro de uma concepção representacional do sujeito, como têm criticado alguns representantes do construtivismo social.

A citação é longa, mas transmite toda a crítica aos que consideram a teoria de Moscovici como mero reflexo. Em Hall, observamos um deslocamento do sujeito empírico para o sujeito discursivo, o que representa um avanço, em certa medida, na compreensão das representações. Essa perspectiva concebe a identidade como efeito das posições de sujeito produzidas no e pelo discurso, que articulam inconsciente, linguagem e poder.

Building the way

A partir dessas considerações, percebemos que as diferenças ontológicas e conceituais entre Moscovici e Hall não são tão evidentes. Mesmo que existam distanciamentos, é fundamental não adotar uma interpretação dicotômica que os coloquem em extremos inconciliáveis. Ambas as teorias são campos abertos, plurais e em disputas, cujas ideias se desenvolvem por meio de diálogos interdisciplinares e reinterpretações contextuais.

A seguir, abordaremos o diálogo entre Hall e Moscovici para a compreensão das representações midiáticas.

Representações midiáticas: a base político-psicológica na construção do sujeito

Nessa sessão, não realizaremos um levantamento histórico e conceitual das representações nem de suas aproximações com os estudos da linguagem, pois esse trabalho já foi realizado de forma consistente por Hall (2016) e por Sacramento e Borges (2020). Aqui, nos interessa promover um diálogo entre Hall e Moscovici na compreensão das representações midiáticas.

A partir desse diálogo, Howarth (2011) descreve a Teoria das Representações Sociais como uma teoria da comunicação. No entanto, ela não oferece uma teoria da comunicação em si, mas analisa o papel das representações nas práticas comunicativas, especialmente na transmissão de conhecimentos e construção de identidades. Seu valor para a psicologia social da comunicação está em revelar a dualidade ideológica e colaborativa da comunicação, bem como sua ligação entre comunicação, diferença e identidade e possibilidades de resistências nas trocas comunicativas. Embora a teoria enfoque processos sociopsicológicos, a incorporação das ideias de Stuart Hall amplia a perspectiva, permitindo analisar o papel ideológico das mídias e instituições na disseminação de

Building the way

representações, como também as emergências de identidades resistentes nas práticas comunicativas (Howarth, 2011).

A Teoria das Representações Sociais examina como as representações moldam a comunicação, portanto compreender o caráter ideológico, cultural e histórico das representações amplia a análise para incluir mídias e resistências. Howarth (2011) argumenta que uma explicação articulada da representação – que integra tanto a teoria de Moscovici (2003) quanto às contribuições de Hall (2016) – oferece uma compreensão da comunicação mais profundamente enraizada nas dimensões político-psicológicas do que qualquer uma dessas teorias poderia proporcionar sozinhas.

Como já foi dito anteriormente, representar é tornar o não familiar em familiar (Moscovici, 2003), ou seja, produzir sentidos individuais e sociais (González Rey, 2008). Por isso, a representação está sempre em disputa, tanto interna quanto externa ao sujeito, não sendo apenas um fenômeno individual, mas também uma construção social, cultural e histórica. O sujeito é ativo nesse processo, sendo, ao mesmo tempo, produto e produtor das representações, e a mídia exerce um papel primordial. Conforme afirma Duveen (2003, p. 21), “As representações são sempre um produto da interação e comunicação”. Com isso, não podemos nos comunicar a não ser que compartilhemos certas representações (Moscovici, 2003; Howarth, 2011).

Responsáveis pela comunicação e operando por meio da representação, as linguagens desempenha papel importante, por que

[...] utilizam de algum componente para representar ou dar sentido àquilo que queremos dizer e para expressar ou transmitir um pensamento, um conceito, uma ideia, um sentimento. A língua falada faz uso de sons, a escrita, de palavras, a música arranja notas em escalas, a “linguagem corporal” emprega gestos físicos, a indústria da moda utiliza itens vestuário, a expressão facial se aproveita de traços

Building the way

individuais, a TV, por sua vez, apropria-se de pontos produzidos digital e eletronicamente e o sinal de trânsito usa as cores vermelha, verde e amarela para “dizer algo” (Hall, 2016, pp. 23–24).

A palavra serve para nomear, mas não apenas isso: “[...] as palavras apresentam-se também carregadas de sentido” (Siqueira; Nuemberg, 2003, p. 119). O sentido é uma construção dinâmica e subjetiva que surge a partir das interações sociais e das mediações simbólicas e emocionais. Assim, segundo Hall (2016), “[...] a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem” (p. 17).

O autor observa que a cultura é “[...] um dos conceitos mais complexos das ciências humanas” (Hall, 2016, p.19), pois, até meados do século XX, esse conceito esteve pautado por uma visão dualista, ora entendida como boa/alta, ora como popular/baixa. Durante muito tempo, possuir cultura ou ser culto esteve associado aos padrões das classes médias e altas, ou seja, aos que se aproximavam de uma “cultura civilizada”.

A partir de então, novas formas de conceituar cultura surgiram, influenciadas pela antropologia cultural, que a relaciona à produção, ao compartilhamento e ao intercâmbio de sentidos entre os membros de uma sociedade. Nesse sistema sociocultural, a ação só se torna possível após a internalização das representações necessárias à própria sobrevivência.

Os sentidos são produzidos no interior da cultura. O desenvolvimento cultural do sujeito corresponde, portanto, ao desenvolvimento de um indivíduo histórico, inserido na história social da humanidade. A cultura, então, não se limita a significados compartilhados, mas também “[...] se relaciona a sentimentos, a emoções,

Building the way

a um senso de pertencimento, bem como a conceitos e ideias” (Hall, 2016, p. 20).

Nesse sentido, a cultura

[...] está envolvida em todas essas práticas que não são geneticamente programadas em nós (diferentemente do movimento involuntário do joelho ao ser estimulado por um martelo), mas que carregam sentidos e valores para nós, que precisam ser *significativamente interpretadas* por outros, ou que *dependem do sentido* para seu efetivo funcionamento. A cultura, desse modo, permeia toda a sociedade. Ela é o que diferencia o elemento “humano” na vida social daquilo que é biologicamente direcionado (Hall, 2016, p. 21 [destaques no original]).

Conforme já observado anteriormente, é a representação que conecta o sentido e a linguagem à cultura (Hall, 2016). A partir das representações, podemos compreender as identidades, as posições dos sujeitos, as resistências e as mudanças ou transformações. Em virtude dessas disposições, há uma constante tentativa de fixação e estabilização das representações.

Dentro de qualquer cultura há pontos de tensão, mesmo de fratura, e é ao redor desses pontos de clivagem no sistema representacional duma cultura que novas representações emergem. Em outras palavras, nestes mesmos pontos de clivagem há uma falta de sentido, um ponto onde o não-familiar aparece. E, do mesmo modo que a natureza detesta o vácuo, assim também a cultura detesta a ausência de sentido, colocando em ação algum tipo de trabalho representacional para familiarizar o não-familiar, e assim reestabelecer um sentido de estabilidade. [...] as representações sociais emergem a partir de pontos duradouros de conflito, dentro das estruturas representacionais da própria cultura (Duveen, 2003, p. 16).

Esses pontos duradouros de conflitos apontados por Duveen (2003) estão na construção dialógica do sujeito. Essa construção se faz por meio da identificação e da condução dos diálogos, em virtude da atribuição da

Building the way

significação a uma ação, conceito ou ideia. Sem essa tentativa de fixação, não haveria comunicação nem haveria cultura. Segundo Hall (2016, p. 18), “A linguagem é um dos ‘meios’ através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados na cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos”. A partir dessas perspectivas, a maneira como nos vemos e nos representamos molda o que comunicamos e como nos comunicamos com e sobre os outros – envolvendo identidade, representação, cultura e diferença (Howarth, 2011).

De acordo com Sacramento e Borges (2020), as representações midiáticas têm o potencial de dramatizar os acontecimentos e legitimar o poder, ao transmitir mensagens àqueles considerados impotentes na sociedade, os quais devem permanecer em seus lugares ou enfrentar o risco da opressão. No entanto, essas representações também podem funcionar como espaços de negociação e disputa.

Os autores destacam que o trabalho da representação é essencial para evidenciar a habilidade que muitos meios de comunicação possuem de apresentar, de forma recorrente, determinadas imagens, narrativas e situações, fazendo com que pareçam naturais ou excessivamente familiares em detrimento de outras, que são ocultadas, deslegitimadas ou reduzidas a estereótipos. Quando as representações midiáticas participam de construções de identidades e diferenças, elas se transformam em processos culturais, com impactos sociais e políticos.

Diante dessas perspectivas e teorias, as representações midiáticas são compreendidas como construções discursivas do senso comum produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação, nos quais se entrelaçam poder, ideologia e subjetividades. Elas operam como mediadoras que traduzem, estabilizam e disputam sentidos socialmente compartilhados, estabelecendo as identidades e diferenças sociais,

Building the way

culturais e individuais. Situada no entrelaçamento entre o psicológico e o político, as representações midiáticas expressam e transformam a cultura e a sociedade, configurando um campo privilegiado para estudos e análises das relações entre mídia e sujeito.

A seguir, apresentamos algumas considerações finais sobre as aproximações entre as teorias e os possíveis percursos metodológicos.

Considerações finais

Este estudo buscou integrar as contribuições de Serge Moscovici e Stuart Hall na compreensão das representações midiáticas, destacando que, embora suas teorias estejam situadas em campos epistemológicos distintos, é possível estabelecer um diálogo entre elas, pois ambas convergem ao considerar a cultura, a linguagem e o discurso como elementos fundamentais na construção da realidade social e da subjetividade. Propomos, assim, uma leitura político-psicológica das mídias.

O diálogo entre os dois teóricos permite compreender a mídia como um espaço privilegiado para produção de sentidos e para as disputas que atravessam a constituição do sujeito. Sob essa perspectiva, a análise das representações midiáticas revela a relação de poder, as hegemonias e tensões que estruturam a vida social. Nesse contexto, as representações possuem caráter simbólico e histórico, enquanto a mídia desempenha um papel ativo como mediadora da cultura, destacando-se a relevância da linguagem e da abordagem construtivista na construção do sujeito. Além disso, nelas emergem oportunidades de resistência e transformação social.

Enquanto Moscovici privilegia a dimensão psicossocial das representações, Hall enfatiza-as em suas materialidades discursivas. A interseção entre as duas perspectivas demonstra que os processos ocorrem

Building the way

simultaneamente na mente, na linguagem e nas instituições, formando um sistema simbólico complexo.

Assim, Moscovici amplia a compreensão da vida social ao demonstrar como os sujeitos moldam o senso comum. Por outro lado, Hall intensifica a dimensão política e discursiva dessas construções, evidenciando a materialidade simbólica do poder e a produção das diferenças. Nesse contexto, suas abordagens podem ser consideradas complementares: Moscovici propõe um modelo analítico para entender a origem, a disseminação e as mudanças das representações no tecido social, ao passo que Hall oferece instrumentos críticos para analisar como essas representações se conectam aos sistemas de poder e hegemonia cultural. O diálogo entre ambos enriquece a compreensão contemporânea das representações, permitindo articular os processos de produção de sentido nos âmbitos psicossocial, cultural e político.

Uma análise discursiva das representações midiáticas deve considerar, entre outros aspectos, as posições de sujeito, as interseccionalidades que estruturam experiências (de gênero, raça, classe, sexualidade, território), as hegemonias que orientam as narrativas, as disputas de poder/saber que definem o que pode ser dito e as formas de resistência e subjetivação que surgem nas lacunas do discurso. Esses elementos possibilitam a compreensão da mídia não somente como um reflexo, mas como uma criadora de modos de existência e sistemas de poder/verdade.

Consideramos, por fim, que uma análise político-psicológica das representações midiáticas, baseada no diálogo entre Moscovici e Hall, fornece ferramentas eficazes para compreender a mídia como um espaço de produção de subjetividades, identidades e resistências. Essa abordagem não apenas enriquece os estudos de comunicação, como também ajuda a entender como cultura, poder e saúde mental interagem no mundo atual.

Building the way

REFERÊNCIAS

- BERTONI, Luci Mara; GALINKIN, Ana Lúcia. Teoria e métodos em representações sociais. *In*: MORORÓ, Leila Pio; COUTO, Maria Elizabete Souza; ASSIS, Raimunda Alves Moreira de (Org.). **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias**. Ilheus: Editus, 2017. p. 101–122.
- DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das ideias. *In*: MOSCOVICI, Serge (Org.). **Representações sociais: investigação em psicologia social**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 7–28.
- GOMES, Mayra Rodrigues. As representações sociais entre estudos culturais e psicologia social, a psicanálise. **Caligrama (São Paulo. Online)**, v. 2, n. 2, 2006.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales** revista diversitas-PersPectivas en Psicología issn. [S.l.: S.n.]. . Acesso em: 12 abr. 2020.
- GUARESCHI, Neuza; MEDEIROS, Patrícia Flores; BRUSCHI, Michel. Psicologia Social e Estudos Culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. *In*: **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para um nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Apicuri, 2016.
- HOOK, Derek; FRANKS, Bradley; BAUER, Martin W. (ORGS.). **The Social Psychology of Communication**. London: Palgrave Macmillan UK, 2011.
- HOWARTH, Caroline. Representations, Identity, and Resistance in Communication. *In*: **The Social Psychology of Communication**. London: Palgrave Macmillan UK, 2011. p. 153–168.
- INZUNZA-ACEDO, Beatriz. **Media as a source of information in the construction of social representations**. [S.l.: S.n.]. Disponível em: <<http://orcid.org/0000-0002-2168-9914>>.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigação em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

Building the way

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, Serge; MARKOVÁ, Ivana. Ideias e seu desenvolvimento: um diálogo entre Serge Moscovici e Ivana Marková. *In: Representações sociais: investigações em psicologia social*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Fátima; WERBA, Graziela. Representações Sociais. *In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa et al. (Org.). Psicologia Social contemporânea*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

REY, Fernando L. G. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ROCHA DA SILVA, Mary Jones. O ENTRELAÇAMENTO ENTRE AS TEORIAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E OS ESTUDOS CULTURAIS. *Revista Mosaico - Revista de História*, v. 18, n. 1, p. 177–184, 15 jul. 2025.

SACRAMENTO, Igor; BORGES, Wilson Couto. **Representações midiáticas da saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2020.

SILVEIRA, Andréa Pereira. A interface entre as representações sociais e os estudos culturais: o objeto de estudo em tessitura com a educação de surdos. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, v. 16, n. 8, p. 13044–13055, 30 ago. 2023.

SIQUEIRA, Maria; NUEMBERG, Adriano. Linguagem. *In: JACQUES, Maria et al. (Orgs.). Psicologia Social Contemporânea: livro-texto*. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 118–132.